

AINDA MELHORES EXPECTATIVAS!

***Roberto Rodrigues**

O governo do Reino Unido acaba de divulgar um trabalho de grande fôlego analisando o cenário mundial da produção de alimentos nos próximos 20 anos. O estudo consumiu 2 anos e envolveu 400 especialistas de 35 países e se chama Foresight Report on Food and Farming Futures (em tradução liberal significa: Prognóstico sobre o Futuro da Alimentação e Agricultura).

A publicação replica e consolida relatório similar apresentado pela OCDE/FAO (Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico/Organização de Agricultura e Alimentação das Nações Unidas) publicada há pouco mais de 3 meses. O estudo OCDE/FAO olha um prazo menor, e aponta para a necessidade de aumentar em 20% a produção de alimentos em 10 anos, considerando basicamente um crescimento de demanda nos países emergentes. E este mesmo trabalho enfatiza que, para o mundo ofertar mais 20% de alimentos em 10 anos, o Brasil precisa ofertar o dobro, isto é, 40%.

O novo trabalho do Reino Unido vai além no tempo – 20 anos – e aponta as condições para atingir o crescimento de 40% da oferta de alimentos no período! Em outras palavras, dobra o período, dobra a demanda e dobra a necessidade de produção.

O relatório também enfatiza a importância das tecnologias que deverão ser desenvolvidas para que haja mudanças na agricultura capazes de permitir este aumento demandado e, ao mesmo tempo, preservar os recursos naturais e reduzir os riscos do aquecimento global. Neste sentido há temas muito interessantes, revertendo algumas ideias que vêm sendo repetidas sobre o assunto.

Os pesquisadores começam dizendo que não há uma “solução única” para a compatibilização da maior produção com a sustentabilidade, e não descartam o uso de tecnologias mais recentes, como a transgenia (nem sempre bem aceita), a clonagem e a nanotecnologia. Recomendam ainda que governos e agricultores dos países onde a produção vai crescer prestem contas de suas políticas e progressos alcançados a toda a população do planeta, seja na redução da fome, seja na mitigação do aquecimento global. Ainda mais forte, os especialistas admitem que o aumento da produção se dê até com a derrubada de florestas, afirmando que isso “não precisa afetar negativamente o bem estar da sociedade”. O estudo reconhece que a maior parte deste crescimento produtivo, especialmente no Brasil, se dará muito mais com a expansão da agricultura sobre áreas hoje ocupadas com pastagens, o que implica evidentemente em avanços técnicos na pecuária. Mas no capítulo florestal, o estudo defende políticas apropriadas para assegurar o “bom desflorestamento”, ressaltando a necessidade de promover o uso correto da terra, o que nem sempre significa simplesmente preservar qualquer pedaço do ecossistema da floresta sem considerar seu nível de uso ou tamanho.

Os pesquisadores também descartam a concorrência entre a produção de alimentos e agroenergia no Brasil, que já foi uma tese insistentemente defendida pelos adversários dos biocombustíveis e da bioeletricidade.

O relatório considera como muito positivas as políticas sociais que o Brasil adotou recentemente e deixa um claro alerta: “a experiência brasileira nos últimos dez anos mostra que, se há vontade política, a pobreza e a fome podem ser diminuídas substancialmente”.

Este é um ponto fundamental. Terá o Brasil vontade política de implementar os instrumentos indispensáveis para se transformar neste gigantesco general contra a fome que o mundo necessita e espera? Afinal, dois estudos sérios e de diferentes instituições apontam para o mesmo destino: crescer agricolamente!

Nessa semana, Angel Gurría, Secretário Geral da OCDE exortou os países agrícolas a investirem na produção rural, dizendo que se isso não acontecer, estará em risco a própria expansão da economia global.

Não podemos tratar esta visão mundial com pouco caso. E se cuidarmos de atendê-la, iremos desenvolver espetacularmente a economia nacional.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**